



OS PLANOS DA SEMÂNTICA GLOBAL NO FUNCIONAMENTO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS INDÍGENAS

Adriana Recla

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP1
São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

² Professora das Faculdades Integradas de Aracruz - FAACZ 2
Aracruz, Espírito Santo, ES, Brasil
arecla@gmail

RESUMO

Este trabalho examina, no discurso O Saci-Pererê, as dimensões da semântica global e a constituição do ethos discursivo no funcionamento de práticas discursivas vivenciadas por sujeitos de população indígena tupiniquim. Tomamos como referencial teórico a Análise do Discurso de linha francesa, nas perspectivas propostas por Maingueneau. Privilegiamos, a noção de semântica global por compreendermos que não há mais lugar para a distinção entre superfície e profundidade de natureza discursiva. Verificamos que o discurso analisado é revelador de componentes significativos do contexto histórico-social, na medida em que por ele se torna possível reconstruir aspectos da língua, do homem e da sociedade.

0 INTRODUÇÃO

Este trabalho discute o princípio da Semântica Global no funcionamento de práticas discursivas indígenas vivenciadas por sujeitos de população indígena tupiniquim, localizada em Aracruz-ES. O objetivo é examinar, no discurso tupiniquim O Saci-Pererê, as dimensões da semântica global e a constituição do ethos discursivo no funcionamento de práticas culturais do cotidiano, vivenciadas por estes sujeitos. Para o alcance do objetivo proposto, tomamos como referencial teórico a Análise do Discurso de linha francesa (AD, doravante), de modo particular, nas perspectivas que vem sendo propostas por Maingueneau (2005a, 2005b, 2006). Privilegiamos a noção de semântica global por compreendermos que não há mais lugar para a distinção entre superfície e profundidade de natureza discursiva, entendendo que todas as dimensões estariam imbricadas (o vocabulário, a intertextualidade, o tema, o estatuto do enunciador e do co-enunciador, a dêixis discursiva, o modo de enunciação, o modo de coesão). Consideraremos, assim, em especial, a categoria ethos discursivo, tomado como construção discursiva do enunciador a partir de características linguísticas e sociais que se constrói na instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra por meio de seu discurso. Esse estudo se justifica pelo fato de o discurso escolhido nos fornecer uma chave para a compreensão da constituição do ethos discursivo no discurso analisado, uma vez que é também por meio delas que conhecimentos e ideias se tornam realidade.

1 O PRINCÍPIO DA SEMÂNTICA GLOBAL

A perspectiva com a qual Maingueneau (2005b) [1] trabalha em relação à AD baseia-se no princípio da semântica global e considera a prática discursiva em suas múltiplas dimensões. Para o autor, um discurso só pode ser

apreendido por meio de uma semântica global que sustente todas as dimensões, concebidas como centrais no discurso e para o discurso. Assim, o discurso, pensado como uma dispersão de textos produzidos a partir de uma posição enunciativa, é concebido como uma prática discursiva regida por uma semântica global, por meio da qual os vários planos discursivos se articulam e se estruturam.

A semântica global apreende, ao mesmo tempo, os diferentes planos discursivos do discurso, integrando tanto o vocabulário quanto os temas tratados, o ethos discursivo, a intertextualidade, as instâncias de enunciação. Não há um plano do discurso que seja central; todos os que o constituem derivam dos mesmos fundamentos. Ademais, os discursos não partem de um único lugar, mas de vários lugares enunciativos. É, pois, essa rede interdiscursiva que instaura posições enunciativas a partir das quais é possível entender, no funcionamento do discurso proferido por sujeitos da aldeia tupiniquim de Pau-Brasil, aspectos culturais da história dessa população.

Maingueneau (2005b) avança ao propor um modelo teórico-metodológico em que o discurso se caracteriza por uma semântica global, que considera o enunciado mais de perto, integrando na análise as condições socio-históricas de produção da prática discursiva, a materialidade linguística, a ordem do enunciado e da enunciação.

Trata-se de considerar a globalidade dos discursos, em que o vocabulário, as cenas de enunciação, o gênero do discurso, os recursos coesivos, o ethos, o estatuto do enunciador e do co-enunciador, os modos de coesão, entre outros elementos, são integrados na análise, o que a torna mais profunda.

2 CENOGRAFIA E ETHOS DISCURSIVO

A enunciação cria cenas, onde as partes interessadas naquilo que veicula o discurso negociam um espaço e um tempo, por meio de construções textuais próprias, com

objetivos e público-alvo também próprios. Essas cenas são: cena englobante, cena genérica e cenografia.

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso a que o texto pertence e é a que nos situa para interpretarmos o discurso do indígena. A cena genérica está ligada a um gênero, a uma “instituição discursiva”, ao relato. Já a construção da cenografia não é imposta por um gênero, mas é construída no texto; trata-se da cena apropriada para um determinado discurso, para validá-lo, torná-lo pertinente.

A cenografia tem por efeito fazer passar a cena englobante e a genérica para um segundo plano. “O discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início; mas, de um outro lado, é por intermédio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar essa cenografia que ele impõe” (MAINGUENEAU, 2006, p.113) [2]. Daí, a afirmação de que o lugar enunciativo que atesta o ethos é a cenografia.

Na proposta de Maingueneau (2005a) [3], o ethos passa a ser concebido como uma voz, um corpo enunciante, historicamente especificado e inscrito em uma situação que vai muito além de um papel ou estatuto. Além disso, propõe o analista que qualquer discurso escrito possui uma vocalidade específica, a qual o relaciona a uma origem enunciativa por intermédio de um tom que abraça tanto a escrita quanto a fala.

Para a AD, essa noção só pode ser apreendida na cena de enunciação, com a interação de fatores diversificados como o código linguageiro, o registro das palavras, o modo de coesão, o modo de enunciação e a modulação, uma vez que, por sua imagem, o enunciador dá-se a conhecer a si e a seu co-enunciador. Ao considerar o ethos como parte da cena de enunciação, Maingueneau (2005b) destaca que não devemos tomá-lo isoladamente, como autônomo de análise, já que ele é apenas uma faceta da cena de enunciação.

A noção discursiva de ethos deve ser entendida como um processo paradoxal de influência sobre o outro, não sendo uma imagem do sujeito empírico, mas do sujeito que se diz na enunciação, depreendido do próprio discurso. Nesse sentido, o ethos discursivo aparece como categoria interativa que se constrói na instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra por meio de seu discurso. Para tanto, vamos considerá-lo como construção discursiva do enunciador a partir de características linguísticas e sociais.

3 A ANÁLISE DO DISCURSO “SACI PERERÊ”

O Saci-Pererê [4]

Certo dia, dois homens foram caçar, pegaram suas armas e cachorros e foram para a mata. Chegando na mata, os cachorros se apavoraram e começaram a latir olhando para cima de uma árvore. Eles apontavam a arma para matar a caça mas não conseguiam ver o bicho. Este saía, os cachorros latiam, olhavam para cima, iluminavam com a lanterna mas nada de bicho. E foi desse jeito quase a noite toda.

Nessa caçada, por mais que perseguiam a caça, não conseguiam vê-la para matá-la. Então, combinaram que um cercaria de um lado e o outro do outro, e ficaram esperando até que um deles viu os cachorros perseguirem um animal

e viu até o mato se abrindo, ficou então esperando com a arma apontada mas quando percebeu os cachorros já estavam latindo do outro lado e não viu caça alguma.

Cansados de tanto correr, já estavam muito dentro da mata, quando eles imaginaram que aquilo não poderia ser caça alguma e sim o saci que estavam brincando com eles. Então irritados foram embora.

Mas isso não aconteceu só com eles. Aconteceu também com outros homens que iam caçar, e com um deles foi pior, é o que iremos contar abaixo.

O saci estava sob forma de uma caça (para quem não sabe, o saci-pererê se transforma em várias coisas e bichos), o homem ia para atar a caça, e ela desaparecia e ele não via mais nada. Assim ele prosseguia a noite em sua caçada. Novamente o bicho aparecia, ele ia para matá-lo e o bicho desaparecia.

Muito esperto, o homem marcou bem a direção em que os cachorros estavam latindo e atirou. “Logo tudo vai acabar”, imaginava ele, e foi para casa.

Chegando em casa, escutou um assobio e uma voz, que era a do saci, que dizia:

— Saci-pererê, minha perna dói como quê.

Assustado, ele lembrou-se do tiro e pensou que o tiro poderia ter atingido a perna do saci, mas sem se preocupar, ele foi dormir.

No dia seguinte, à noite, este homem foi à casa de seu compadre. O caminho era muito escuro pois ainda não tinham instalado energia elétrica em nossa aldeia. No caminho, ele ia seguindo tranquilo quando de repente ele sentiu uma dor, mas pensou que não seria nada grave e prosseguiu. Novamente sentiu a dor e resolveu voltar para casa. Ao voltar ele sentia que a dor aumentava e era como se alguém estivesse lhe dando uma surra. A medida que ele andava, a dor da surra aumentava. Sentiu que estava sendo surrado até chegar em casa. Ao chegar em casa não deu tempo nem de pedir água, ele caiu no chão e desmaiou.

Coitado do homem, não sabia que era o saci que tinha lhe dado uma grande surra, por ter atirado nele. Pois com o saci ninguém brinca.

Até hoje o saci existe, pois as pessoas ainda ouvem o seu assobio.

Para as pessoas que não conhecem muito as manhas do saci-pererê, para não levar uma surra como a que o homem levou, é só obedecer às seguintes regras:

1) Ao ouvir assobio do saci não se pode xingar e nem falar mal dele, porque ele pode lhe dar uma surra;

2) Quando novamente ouvir o assobio diga:

— Que boa companhia me leve até em casa (isso se você estiver caminhando para casa, e ao chegar em casa é só agradecer, ele ficará gratificado e irá embora).

Cuidado! Várias pessoas que encontram com o saci em seu caminho, tiveram um péssimo encontro e se deram mal. Espero que a próxima vítima não seja você. É só obedecer às regras que ele impõe.

Contada por José Sezenando (Cacique)

Escrita por Leidiane

Revisada por Cristina Pajehú

O discurso indígena intitulado “O Saci-Pererê”, revela inicialmente uma atividade considerada corriqueira para a população indígena tupiniquim, ainda que, aparentemente inusitada em tempos de modernidade: a caçada na mata.

O enunciador, em terceira pessoa, comporta-se como um observador e insere-se na cena descrevendo a caçada na mata, vista muitas vezes imprevisível para esse povo. Esta cenografia legítima a enunciação e delimita a cena e ao mesmo tempo, se apoia em uma cena validada para a população indígena, a caçada.

Verificamos, que não há referência se os “homens” explicitados no discurso eram indígenas ou não. O discurso vai sendo construído com um tom de aventura, que paulatinamente dá corpo ao fiador, desvelando a imagem de si e verificando se o enunciador fala de um lugar legitimado. Associando a caçada a uma atividade trivial indígena, o ritmo da enunciação incorpora o co-enunciador a um universo desconhecido e místico.

O enunciador atribui-se o estatuto de alguém que conhece bem as ações de uma caçada, descrevendo as atividades de um caçador, mostrando como esta ocorre, o que valida seu dizer. Eis algumas marcas que legitimam o estatuto do enunciador:

“... pegaram suas armas e cachorros e foram para a mata”.

“Chegando na mata, os cachorros se apavoraram e começaram a latir olhando para cima de uma árvore”.

“Eles apontavam a arma para matar a caça mas não conseguiam ver o bicho”.

Notamos que o co-enunciador assimila do enunciador esta imagem de alguém que conhece bem o transcorrer de uma caçada, e, também, as manhas e travessuras do saci na mata - algo bem conhecido pelos caçadores indígenas, mas talvez não muito por outros caçadores “não-índios”.

O espaço (topografia) e o tempo (cronografia) discursivos são delimitados por meio das marcas linguísticas que identificam o enunciador e o co-enunciador em um lugar e tempo que lhes é próximo. Para esta demarcação, há a instauração da dêixis enunciativa. Neste texto, a cronografia discursiva é marcada pelo dêitico espacial atestado em “Chegando na mata” e o tempo é linguístico, o da atualização da fala, marcado pelo índice textual no plano da cronografia, confirmado na marca linguística “Certo dia”. Sendo assim, cada discurso se constrói em função do tempo e do espaço construído no próprio discurso.

O discurso vai sendo construído com um certo tom de aventura e de superstição. É interessante destacar que o texto não explicita se os homens eram índios, apenas revela que estes não sabiam do que o Saci era capaz de fazer. Já os indígenas podem se identificar com este conhecimento, devido às tradições na vida da aldeia.

A cenografia até então construída, a de uma caçada com surpresas, é validada pelos indígenas tupiniquins, os quais acreditam e respeitam esta figura. É a cena validada que possibilita a inserção do co-enunciador nesta cenografia. Portanto, a cenografia revela-se por meio das pistas localizáveis no texto; é pelo que o discurso diz, a situação que representa, que ela se justifica.

Desse modo, o discurso se constrói sobre o estereótipo do índio como um caçador valente, conhecedor da mata e seus mistérios, enquanto os homens caçadores “desconhecem” estes saberes. Isto se confirma nos indícios textuais: “Cansados de tanto correr, já estavam muito dentro da mata, quando eles imaginaram que aquilo não poderia ser caça alguma e sim o saci que estava brincando com eles. Então irritados foram embora”. À medida que a cena vai se desenrolando, o enunciador vai desvelando a

imagem discursiva de conhecedor da caçada e enlaçando o co-enunciador.

O discurso engendra uma nova cenografia, apresentando agora outro relato ocorrido com um caçador. Inicia-se aqui uma aproximação maior com o co-enunciador com o uso da marca de pessoa nós, determinada pela desinência número-pessoal da forma verbal “iremos”, visando inscrever o co-enunciador no discurso. Trata-se de um nós em que há um eu expandido para além da pessoa que enuncia, um sujeito coletivo, que permite ao enunciador explicitar a coletividade.

É interessante mostrar que se desenvolve outra cenografia: a do aparecimento do saci aos caçadores sob forma de uma caça – cena validada na memória discursiva. A cenografia construída neste recorte é diferente da encontrada no início do texto, pois, antes, não se imaginava que os acontecimentos durante a caçada pudessem ser uma travessura do Saci. Exclui-se da cena os dois caçadores e passa a ser inserido um outro. Ao enunciador é atribuído o estatuto de alguém que conhece bem as manhas do saci, como vemos no excerto acima.

O enunciador materializa a inserção da voz do homem, marcado discursivamente no enunciado “Logo tudo vai acabar”, indicando que este não sabia do que o Saci era capaz de fazer. Supomos que a reação seja contrária a dos homens indígenas que respeitam e sabem das possíveis ações do saci na mata. Trata-se, portanto, de um enunciador que desvela discursivamente, mesmo que indiretamente, a imagem do índio como conhecedor e respeitador dos costumes que lhes são transmitidos.

É interessante notar que há no texto, graças ao discurso relatado, a fala do Saci, que se assume como o enunciador responsável pelo discurso naquele momento: “Saci-pererê, minha perna dói como quê”. Destacamos que o próprio título do texto remete a personagem Saci, uma figura presente nos ensinamentos dos indígenas tupiniquins, e, que, portanto, está também presente na memória discursiva.

Observa-se que a partir do momento em que o Saci se mostra no discurso, ele se torna responsável pelo que diz. Desse modo, a certeza de sua presença é confirmada e o fato passa a se tornar concreto.

Notamos que o co-enunciador ativa traços estereotípicos de um caçador para construir e confirmar a imagem discursiva do enunciador. Nesse caso, o ethos discursivo é resultante dos traços que estão em sua memória, que se legitimam e confirmam a partir dos traços que surgem no/do próprio enunciado, desvelado na cenografia construída.

O tom de piedade evidenciado no enunciado – “Coitado do homem, não sabia que era o saci que tinha lhe dado uma grande surra, por ter atirado nele”; e de advertência evidenciado em – “Pois com o saci ninguém brinca” - permite ao co-enunciador construir uma representação do corpo do enunciador.

Emerge, então, uma instância subjetiva corporificada, o fiador, que afiança o que é dito. Esse fiador, no caso, uma imagem de alguém que sabe do que o saci é capaz de fazer a um caçador destemido, apoia-se em um caráter que emerge de um corpo e de uma corporalidade. A corporalidade mostrada pelo enunciador é de uma pessoa que também conhece a arte de caçar e as possíveis atitudes do saci. Logo, o co-enunciador incorpora essa imagem de caçador experiente e também de conhecedor das artimanhas do saci.

Devemos lembrar que nos textos escritos não há a representação direta dos aspectos físicos do enunciador, mas há pistas que indicam e levam o co-enunciador a atribuir uma corporalidade e um caráter ao enunciador, categorias essas que interagem no campo discursivo.

No enunciado “Para as pessoas que não conhecem muito as manhas do Saci-Pererê”, fica mais evidente a referência àqueles que desconhecem certas tradições da realidade indígena sobre o saci. Revela-se um tom de alerta, evidenciado no enunciado citado. Aqui o enunciador se apresenta com tom de alerta, e, até mesmo de comando, apresentando-se como aquele que vai explicar como funcionam as regras para se respeitar o saci e conhecer seus comportamentos, confirmado nos enunciados supracitados.

Já no enunciado “(isso se você estiver caminhando para casa, e ao chegar em casa é só agradecer, ele ficará gratificado e irá embora)”, há o uso da modalização autonímica em em que o enunciador enlaça o co-enunciador, alertando-o sobre como proceder caso encontre o saci. Esta atitude possibilita a emergência de um ethos conhecedor da realidade indígena, em especial, sobre a figura do saci.

A descrição do que deve ser feito para obedecer ao saci ativa no co-enunciador estereótipos sobre os costumes indígenas, o que o leva a recorrer aos estereótipos partilhados na e pela coletividade indígena, como a crença no Saci, e, ao mesmo tempo, recorrer ao mundo ético desse grupo.

Ainda, neste recorte, notamos que o uso do modo imperativo denota a relação estabelecida entre o estatuto do enunciador e do co-enunciador. Isso porque o imperativo, por exemplo, manifesta ordem e apelo pela concretização da ação, como podemos atestar em: “Ao ouvir assobio do saci não se pode xingar e nem falar mal dele, porque ele pode lhe dar uma surra”; “Quando novamente ouvir o assobio diga”:

Para que o co-enunciador possa aderir ao posicionamento do enunciador, percebemos que ele precisa também se colocar como um conhecedor dos comportamentos do saci e dos conhecimentos indígenas, conforme vemos nos enunciados “Espero que a próxima vítima não seja você. É só obedecer às regras que ele impõe”. Observa-se, ainda nos mesmos enunciados, que o enunciador aproxima-se do co-enunciador de forma a enlaçá-lo no discurso.

O uso da interjeição “cuidado” revela claramente o conhecimento do enunciador, que se posiciona como um típico indígena caçador, divulgador de seus saberes e conhecimentos. Verificamos, neste excerto, que o discurso constrói o tom de advertência, que autoriza o que é dito.

Em todos os excertos há uma maneira especial de usar a linguagem, caracterizando o uso de um vocabulário, a que denominamos código linguageiro, capaz de auxiliar na construção das cenas e do ethos discursivo, marcados em indícios textuais presentes ao longo de todo o discurso como: caçada, caça, mato, cachorros já estavam latindo, mata, saci, entre outros. O modo de falar indígena, remete ao léxico descontraído e próprio do cotidiano, constituindo o modo de coesão.

O vocabulário empregado no discurso também confere à enunciação a construção de uma cena que valida o que é dito. Além disso, o vocabulário vai, paulatinamente, revelando o estatuto de um enunciador conhecedor da arte de caçar e, principalmente, do que o saci é capaz de fazer.

As escolhas lexicais feitas para marcar a posição do enunciador são visíveis no discurso, como podemos atestar nas seguintes enunciações, próprias do código linguageiro, pertencente ao indígena: “Certo dia, dois homens foram caçar, pegaram suas armas e cachorros e foram para a mata”; “Eles apontavam a arma para matar a caça mas não conseguiam ver o bicho.” E “Nessa caçada, por mais que perseguiam a caça, não conseguiam vê-la para matá-la”.

Esses recortes são atravessados pelo discurso místico, folclórico, supersticioso. Com isso, podemos afirmar que todo discurso nasce de outro discurso, comprovando, por isso, a noção de interdiscursividade, atestada nos enunciados abaixo:

“Coitado do homem, não sabia que era o saci que tinha lhe dado uma grande surra, por ter atirado nele. Pois com o saci ninguém brinca”.

“Até hoje o saci existe, pois as pessoas ainda ouvem o seu assobio”.

O co-enunciador compactua com o que está sendo dito, como é percebido pelo vocabulário, tema, estatuto de enunciador e de co-enunciador, dêixis enunciativa, modo de enunciação e modo de coesão. Neste discurso, o enunciador integra-se ao grupo, como se conhecesse o desenrolar de uma caçada, embora na maioria das vezes não se mostre. Apreendemos, portanto, que o homem caçador é retratado como um não conhecedor das manhas do saci; já o índio é detentor de um conhecimento que lhe é particular e, nem por isso, menos importante. Revela-se um ethos cujo tom é marcado por misticismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso indígena impõe certos temas peculiares, como por exemplo, a caçada, o aparecimento do saci à noite, o respeito ao saci, embora seja pelo posicionamento e não pelo tema que a especificidade do discurso seja definida.

Apoiados no pressuposto de que cada funcionamento discursivo tem suas marcas relevantes e que há um sistema de restrições globais que rege o discurso, sem que nenhum dos planos seja hierarquizado, entendemos que os planos da semântica global colaboram para desvelar a constituição do ethos discursivo em práticas discursivas indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2005b.
- [2] _____. *Cenas da enunciação*. Tradução de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Nelson P. da Costa & Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2006.
- [3] _____. Ethos, cenografia, incorporação. Tradução de Sírio Possenti. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005a.p. 69-92.
- [4] MUGRABI, Edivanda (Org.). *Os tupinikim e guarani contam...* 2. ed. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005.